

Ver ou não ver? – eis a questão!

Mariana Santos de Resenes
Rachel Pantalena Leal
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O trabalho desenvolvido buscou analisar a obra *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) do autor português José Saramago. A abordagem dada privilegiou, a partir da narrativa, uma reflexão sobre valores, conflitos individuais e coletivos da sociedade. Com efeito, a ficção trouxe luz para nossa contemporaneidade, mostrando um mundo que poderia ser o nosso, já que a narrativa descreve muitos aspectos da violência (que se manifesta de maneira a abarcar tanto o aspecto físico quanto o mental), autoritarismo e muita solidão. Entretanto, nem tudo é desesperança, tendo em vista que o narrador constrói a personagem mulher do médico, que irá significar um potencial de amor capaz de salvar os outros personagens do livro e também a nós.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Literatura e Sociedade; cegueira.

*“Se eu voltar a ter olhos, olharei
verdadeiramente os olhos dos
outros, como se estivesse a ver-
lhes a alma.”*
(*Ensaio sobre a Cegueira*)

O autor e a obra

José Saramago é um dos melhores escritores da língua portuguesa e, certamente, já deixou seu nome na lista dos maiores escritores de toda a história da literatura mundial. Tanto é assim que um dos maiores críticos literários da atualidade, o norte-americano Harold Bloom, considerou José Saramago o mais talentoso romancista vivo no mundo atual, referindo-se a ele como "o mestre". Declarou ainda que Saramago é um dos últimos titãs de um gênero literário que está expirando. E as declarações de Bloom são muito pertinentes tanto porque Saramago, de fato, inova na forma do romance (como se verá adiante), quanto pela postura admirável deste grande ser humano, crítico feroz da sociedade¹. São suas as opiniões que colocam os EUA como grande ameaça à segurança

¹ Um caso que tem tido alguma repercussão relaciona-se com a posição crítica do autor em relação à posição de Israel no conflito contra os palestinos. Por exemplo, a 13 de outubro de 2003 numa visita a São Paulo, em entrevista ao jornal *Globo*, afirmou que os judeus não merecem a “*simpatia pelo sofrimento por que passaram durante o Holocausto. Vivendo sob as trevas do Holocausto e esperando ser perdoados por tudo o que fazem em nome do que eles sofreram parece-me ser abusivo. Eles não aprenderam nada com o sofrimento dos seus pais e avós*”. A Anti-Defamation League (ADL) (Liga Anti-Difamação), um grupo judaico de defesa dos direitos civis, caracterizou estes comentários como sendo anti-semitas. Segundo as palavras de Abraham Foxman, director da ADL, "os comentários de José Saramago são

mundial, posição muito corajosa, tendo em vista o marasmo e a apatia da intelectualidade atual. E, sempre polêmico, é também de sua autoria a colocação que desconsidera a arte como transformadora efetiva da situação do mundo, muito embora sua literatura produza grandes reflexões contra o individualismo e a lógica do lucro, imperantes em nossos dias.

José Saramago nasceu em novembro do ano de 1922, na aldeia ribatejana de Azinhaga, em Portugal. E, apesar de ter mudado para a capital Lisboa, junto com os pais, muito pequeno, nunca deixou completamente a cidade natal. O autor português desde cedo teve de superar muitas dificuldades financeiras, essas, inclusive, fizeram-no interromper os estudos secundários, retornando para estudar numa escola técnica. Já na idade adulta, o futuro “mestre” da literatura chegou a ser mecânico, serralheiro, jornalista, desenhista técnico, funcionário público. Ensaçando alguns escritos ainda jovem, somente quando demitido do cargo de diretor adjunto do jornal *Diário de Notícias*, em 1975, é que decide “apenas” escrever. E aos 55 anos, a produção literária de Saramago coloca-se num crescente notável; não é por acaso que, a partir da obra *Levantado do Chão* (1980), os críticos apontem o início do “estilo saramaguiano”. Em 1991, José Saramago lança o que de suas obras configurou-se uma das mais polêmicas: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, que foi indicado ao Prêmio Literário Europeu, mas o governo português não permitiu a candidatura da obra, pois para opinião do Estado, o livro de Saramago “não representava Portugal”, além de desunir o povo. Tal fato muito afetou esse grande escritor que, diante dos acontecidos, decide mudar-se de seu país. Passados seis anos dessa injustiça, o autor português atinge o auge de seu reconhecimento ao ganhar o Prêmio Nobel de Literatura de 1998 (logo após a atribuição do mesmo, o Vaticano repudiava a honraria a um “comunista inveterado”).

Com Saramago, a busca de uma oralidade traz uma forma muito diferente e peculiar: a pontuação nos livros é trocada por pausas, processo muito semelhante ao da fala. Assim, o discurso direto nesses textos dá toda originalidade à leitura, já que é introduzido por letras maiúsculas logo após uma vírgula; “a mudança de interlocutor é indicada da mesma maneira: vírgula e letra maiúscula.” (CALBUCCI, s. d, p. 92) Veja no exemplo: “A mulher do médico perguntou, E eles, e o médico disse, Este, provavelmente, estará curado quando acordar [...] (SARAMAGO, 2004, p. 310). Obviamente, esse estilo acaba por confundir um pouco a leitura em certos momentos do livro, principalmente naqueles em que há muitos diálogos; e, noutros em que há monólogos de personagens, as falas destas se fundem e confundem com a fala do narrador (espécie de discurso indireto-livre) num processo que se assemelha a um fluxo de consciência que não identifica se a fala é do personagem ou do narrador. Muitos são os que o chamam de neobarroco, outros são os que o criticam por essas características, mas muito além de classificações e julgamentos, é inegável o desafio que suas obras impõem ao leitor, o qual é obrigado a sair de sua condição passiva, para

incendiários, profundamente ofensivos e mostram uma ignorância destes assuntos, o que sugere um preconceito contra os Judeus”. (extraído de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago>.

tornar-se participante do processo criativo. Para quem aceita o desafio, a leitura logo se revela não-difícil – há uma adaptação do leitor ao ritmo proposto, um leitor agora diferente, agente construtor da leitura.

Tanto forma quanto conteúdo são inovadores em Saramago; sobre seu estilo inconfundível, o crítico Eduardo Calbucci pontua que o autor “ultrapassou sua formação neo-realista (e mesmo realista-naturalista) para atingir uma literatura mais experimental, que encontra par no realismo fantástico” (CALBUCCI, s.d, p. 91), como o que acontece em *Ensaio sobre a Cegueira* (2004).

O que fazer quando nos é tirada a visão: o sentido mais importante para a cultura ocidental? É através desse incômodo que Saramago irá provocar nossas reflexões e, nesse romance, em que a angústia e a comoção atingirão o leitor em cheio, impossível será não se impressionar.

A obra começa com o relato do “cegamento” do primeiro homem que, no trânsito, sem qualquer preliminar, adentra no mar de leite (cegueira branca).² A partir do primeiro cego, a “treva branca” vai se espalhar por toda a cidade. Tal situação extremada irá reduzir os homens a seres (sobre)viventes apenas, qual seja, seres em busca de suas necessidades básicas, e isso fará com que se revele o que há de mais humano e desumano no ser homem, suas qualidades, seus terrores. Aparentemente contagioso, os primeiros atingidos pelo “mal-branco” são isolados pelas autoridades “competentes” num manicômio; lá atrocidades são cometidas, autoritarismos, violências, morte, muitas mortes. Muito embora tudo parecesse horrível, de fato, uma visão do inferno, há em alguns personagens a resistência à desumanidade dos tempos escuros e é principalmente na personagem “mulher do médico” que isso se dá com efeito, tanto é assim que tal personagem é a única que, surpreendentemente, não cega. Quando a “doença” parece, enfim, ter chegado a todos, os cegos isolados podem, então, sair do manicômio. Todavia, diante da liberdade, observam que estão tão desprotegidos e sozinhos quanto antes, descobrem que o horror também invadiu todos os lugares, tal como eles vivenciaram no isolamento. No próprio manicômio (e fortalecido, posteriormente, na cidade), há a formação do grupo guiado pela mulher do médico que, com seu potencial de amor, cuida de todos: seu marido (o médico), o primeiro cego e a mulher do primeiro cego, a rapariga dos óculos escuros, o menino estrábico e o velho de faixa preta. Vale ressaltar aqui que todos no grupo parecem ser (re)educados ou, ao menos, parecem ser atingidos pela humanidade, solidariedade dela, que se destaca justamente por isso. Assim, no fim do romance, quando o estado de exceção já se tornou regra, o primeiro cego é o primeiro a ver, e todos (pelo menos as pessoas do grupo) voltam a enxergar. Mas será que tudo volta ao normal? Será que tudo antes estava normal? Será que, de fato, alguém um dia enxergou? Esses e outros questionamentos é que serão discutidos neste trabalho.

² A cegueira não é negra, conforme costuma ser, o branco terá papel simbólico, como se discutirá adiante.

Ensaio sobre a Cegueira ou Ensaio sobre a Visão?

Nesse mundo monstruoso em que vivemos o absurdo da degradação e destruição humana, seja por doenças primárias como malária (em face de toda tecnologia desenvolvida!), seja por fome ou intolerâncias de todo tipo, corrupção, egoísmo, exploração, violência, em que o sonho da ciência cai na máquina da morte, visto que criamos condições de destruir o próprio mundo³, *Ensaio sobre a Cegueira* nos obriga a parar, revisar, refletir e ver, tentar recuperar uma lucidez outrora perdida. É necessário que um completo mal-estar venha à tona através do livro para que o percebamos em tão alto grau em nossa própria condição: de carência, de abandono, de fraqueza, de indignação, de plena miséria, miséria da qual somos agentes e pacientes. E o autor questiona:

E se nós fôssemos todos cegos? Mas nós estamos realmente todos cegos: cegos da razão, cegos da sensibilidade, cegos, enfim, de tudo aquilo que faz de nós não um ser razoavelmente funcional, no sentido da relação humana; mas o contrário, um ser agressivo, um ser egoísta, um ser violento. Isso é o que nós somos. E o espetáculo que o mundo nos oferece: um mundo da desigualdade, um mundo do sofrimento, sem justificação. Com explicação, é possível explicar o que se passa, mas não tem justificação.⁴

No livro, as personagens cegam porque renegam sua própria cegueira. Saramago força uma cegueira física a fim de evidenciar a cegueira mental, ética-política-social, que cega o indivíduo para os outros, para o mundo e para si. “Queres que te diga o que penso, [...], Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.” (SARAMAGO, 2004, p. 310)

E faz-se interessante atentar numa peculiaridade de tal cegueira – sua cor: ela é branca, ao invés de negra, como o esperado. Ora, o branco é a mistura de todas as cores, logo o excesso, enquanto o negro é a total ausência de cores. Portanto, a escolha se mostra muito pertinente, dado que vivemos hoje num mundo regido pelo exagero e pela aceleração, ou seja, não é só um mundo veloz, mas cada vez mais veloz. Presenciamos a emergência de uma “cultura” de massas em que o excesso é a regra: excesso de informações, de imagens, de sons; tudo caminha para a homogeneização, para a perda da individualidade, mais precisamente, para a perda da experiência. Não poderia deixar de ser resgatado aqui o filósofo e crítico Walter Benjamin que, em vários ensaios seus, constata essa “perda da experiência” por parte, sobretudo, dos habitantes das grandes metrópoles. “Não que esses habitantes, evidentemente, deixassem de ter experiências, mas que essas experiências, em função da vida cada vez mais veloz, mecanizada e repetitiva – e acelerada, poderíamos dizer hoje – resultavam em grande medida ‘degradadas’. Isso no sentido de se realizarem sem o devido tempo de serem incorporadas em nosso corpo, mente, coração,

³ A bomba atômica não deixou dúvida alguma de que o homem podia cabalmente destruir todo o planeta.

⁴ Depoimento extraído do documentário *Janela da Alma*.

alma (ou o que quer que julguemos como constituindo uma dimensão fundamental para nós) com a riqueza, os detalhes e a profundidade que cada experiência, cada vivência particular que possamos ter na vida requereria.”⁵

Saramago também analisa essa questão do excesso ao afirmar⁶ que, se lhe chegar à casa 500 jornais toda manhã, ele acabará por não ler nenhum, isto porque o excesso torna-se nada, numa espécie de anestesia que nos cega e acabamos perdidos e perdidos de nós mesmos. Mesmo se pensarmos nos filmes, tudo já vem pronto, condensado, não há mais espaço para a imaginação, para a subjetividade, para se olhar por entre as linhas, por entre as imagens. Olham por nós. Porém, não devemos utilizar os olhos dos outros, porque, nesse caso, existimos através dos outros, enquanto é preciso tentar existir por nós mesmos.

Justamente nesse sentido, *Ensaio sobre a Cegueira* nos constringe, nos compele a parar, fechar os olhos e ver. “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” – eis a epígrafe do livro, ao longo do qual é provocada a consciência de saber-se cego (a reviravolta do ser) e, a partir daí, a busca da “des-objetualização”, da re-subjetivação, enfim, da libertação do ser humano⁷, ressignificando suas relações, reaprendendo a viver. Ao que acrescenta Cerdeira (2000):

Com efeito, este *Ensaio sobre a Cegueira* pode ser lido inversamente como um ensaio sobre a visão. Esses cegos chegaram ao fundo do poço de onde puderam ver surgir suas fraquezas, sua arrogância, sua intolerância, sua impaciência, sua violência, a monstruosidade dos universos concentracionários. Mas assistiram também à sua própria força, à sua solidariedade, à sua generosidade, ao seu espírito revolucionário e à revisão de seus próprios preconceitos. Este, repito, é um ensaio sobre a visão: do outro, das relações humanas, das linguagens e seus clichês, da verdade, do poder” (p. 259).

Saramago, através da cegueira das personagens, cria, por efeito, a suspensão de muitos valores morais esclerosados e preconceituosos que configuram nossa sociedade, condicionam nossa cultura, regulam e julgam nossas ações. Isso porque quando se cega o mundo (personagens sem nome de uma cidade igualmente anônima portam efeito universalizante) é que se desnuda o mesmo. Assim, nessa recusa de pactuar com o *status quo*, chama-se a atenção para a ilusão da evidência, da transparência dos discursos e dos valores que eles mantêm, para que seja percebido o processo de naturalização dos mesmos e, por conseguinte, a necessidade da sua revisão. A esse respeito, é magnífica, na obra, a ressignificação alcançada da relação dos sujeitos com seus corpos, em uma passagem altamente lírica, que descreve uma atividade, em princípio trivial (lavar roupas e calçados sujos), mas que se singulariza pela instauração da solidariedade, do companheirismo entre

⁵ Texto de Cláudio Cruz extraído de avaliação aplicada à disciplina Literatura Brasileira VII (UFSC), em julho de 2006.

⁶ Em depoimento extraído do documentário já mencionado.

⁷ “mais necessidade teriam os que estão vivos de ressurgir de si mesmos” (SARAMAGO, 2004, p. 288)

as mulheres, ao mesmo tempo em que a sensualidade e o erotismo de seus corpos são revestidos de um caráter quase que sagrado:

Ajudem-me, disse a mulher do médico [...], Mas nós não vemos, repetiu a mulher do primeiro cego, Tanto faz, disse a rapariga dos óculos escuros, faremos o que pudermos, E eu acabarei depois, disse a mulher do médico, limparei o que ainda tiver ficado sujo, e agora ao trabalho, vamos, somos a única mulher com dois olhos e seis mãos que há no mundo. Talvez no prédio em frente, por detrás daquelas janelas fechadas, alguns cegos [...] Não podem imaginar que estão além três mulheres nuas, nuas como vieram ao mundo, parecem loucas, devem de estar loucas, pessoas em seu perfeito juízo não se vão pôr a lavar numa varanda exposta aos reparos da vizinhança, menos ainda naquela figura, que importa que todos estejamos cegos, são coisas que não se devem fazer, meu Deus, como vai escorrendo a chuva por elas abaixo, como desce entre os seios, como se demora e perde na escuridão do púbis, como enfim alaga e rodeia as coxas, talvez tenhamos pensado mal delas injustamente, talvez não sejamos é capazes de ver o que de mais belo e glorioso aconteceu alguma vez na história da cidade, cai do chão da varanda uma toalha de espuma, quem me dera ir com ela, caindo interminavelmente, limpo, purificado, nu. (SARAMAGO, 2004, p. 266)

A essa altura do trabalho, merece consideração especial uma personagem do livro que se distingue das demais justamente por ser a única a não cegar – a mulher do médico. Exclusivamente ela, que acaba ganhando o estatuto de personagem principal, não cega porque possui a consciência maior de todas, uma clarividência que não se deixa apagar, um símbolo de resistência possível ante as condições mais humilhantes, degradantes a que chega a espécie humana. Ela representa uma “sensibilidade alternativa, um cadinho de forças capaz de sobreviver às e nas situações mais extremas.” (COSTA, 1998, p. 138) A mulher do médico é a dimensão ética da narrativa, é o fio condutor que consegue assegurar, ao menos entre os seus, alguma dignidade, humanidade, solidariedade, união e, ainda, esperança, carregando a consciência de “ter que evitar a grande e verdadeira crise que é a de continuar tudo como está.” (CERDEIRA, 2000, p. 256) Para isso, imputa a si a responsabilidade, “A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 2004, p. 241) e seu meio de ação mais elementar é através de seu exemplo prático. Não espera até que alguém resolva tomar uma iniciativa, ela mesma a toma, comprometendo-se com o outro, atuando pela sobrevivência moral e física dos companheiros. Seu comportamento denota bem tal espírito a serviço do coletivo: não abandona o marido diante das adversidades, cuida do ladrão ferido, arrisca-se para falar aos soldados, lava e enterra uma cega morta depois de violentada, submete-se ao atentado sexual junto às companheiras, mata o chefe dos estupradores enterrando-lhe uma tesoura no pescoço (o que não faz sem custos), sai em busca de comida para os demais, trata de todos com cuidado e preocupação dignos de uma mãe, enfim, passa por inúmeros sacrifícios quanto aquele estado de mundo – sem sentido – possa desencadear, resistindo pela fortaleza (feminina) do amor. A mulher do médico consiste, assim, na principal ‘lição’ do *Ensaio sobre a Cegueira*, à luz dela devemos nos *guiar* e nos conduzir. Contudo, a

mulher do médico é também humana, demasiadamente humana, aliás; não pertence a nenhuma esfera divina, não é super-herói; tem sim seus momentos de fraqueza, de falência; pesa-lhe o peso do diferente, é acometida, pois, pela tentação de homogeneizar-se, isto é, de ficar cega como os demais. Ela cai e chora por vezes, a visão nubla-se-lhe; no entanto, nela, o sentido da responsabilidade ultrapassa o medo e à sua visão retorna a nitidez – movimento a que sempre estará sujeita, como mulher humana que é. A pungente passagem a seguir (parte final do livro, quando, aos poucos, os amigos voltam a enxergar) ilustra tão bem isso, que nós, leitores, conseguimos nos projetar no papel da mulher e co-experienciar, naquele momento, seu sentimento, sua sensação, sua catarse:

Então o médico disse o que todos estavam a pensar, mas que não ousavam pronunciar em voz alta, É possível que comecemos todos a recuperar a vista, a estas palavras a mulher do médico começou a chorar, deveria estar contente e chorava, que singulares reações têm as pessoas, claro que estava contente, meu Deus, se é tão fácil de compreender, chorava porque se lhe tinha esgotado de golpe toda a resistência mental, era como uma criancinha que tivesse acabado de nascer e este choro fosse o seu primeiro e ainda inconsciente vagido. O cão das lágrimas veio para ela, este sabe sempre quando o necessitam, por isso a mulher do médico se agarrou a ele, não é que não quisesse bem a todos quantos se encontravam ali, mas naquele momento foi tão intensa a sua impressão de solidão, tão insuportável, que lhe pareceu que só poderia ser mitigada na estranha sede com que o cão lhe bebia as lágrimas. (p. 307)

Será ficção?

No livro de Saramago, como já posto, a estranha cegueira que atinge todos o seres humanos os reduz a seres (sobre)viventes, mas a situação imposta acaba por fazer as personagens revolucionarem a maneira de se relacionar, passando, assim a “enxergar” na cegueira, por isso, no fim da narrativa eles voltam a ver, ou melhor, vêem aquilo que antes, parafraseando a mulher do médico, vendo, não viam. E por nós, leitores que compartilhamos a vivência dos personagens, obviamente, a mesma reflexão é feita: os cegos, na verdade, nunca enxergaram até o mal-branco e, dentre muitos momentos da narrativa que levam à afirmação acima feita, destacam-se os momentos em que o estado, o exército e o estado de caos intervêm na trajetória dos fatos.

Quando se constata que a cegueira branca parece ser um mal contagioso, o governo decide isolar os atingidos e prováveis atingidos num manicômio. A idéia de isolamento humano por si só já é incômoda, entretanto a atitude poderia ser justificada, visto que existia a necessidade concreta daquela situação não se proliferar; porém, como o crítico Eduardo Calbucci expõe, a medida “não deixa de ser altamente preconceituosa, pois obriga os cegos a sozinhos encontrarem um modo de sobreviver. O máximo que o governo oferece, de uma cautelosa distância, são produtos higiênicos e refeições programadas” (CALBUCCI, s.d., p. 87). Ora, para que produtos higiênicos se não há possibilidade nem de alcançarem o banheiro? E mesmo as refeições não eram regradas e boa parte das vezes não vinham na

quantidade adequada, sempre para menos, já provocando conflitos entre os primeiros poucos alojados. Na verdade, os cegos no romance representam, pelo menos num primeiro momento, homens “fora-da-ordem”, problemas incômodos, que precisam ser “tirados” da vista de todos. É necessário cegar a sociedade acerca da existência daqueles cegos. Contudo, a estratégia de isolamento é falha, já que todos são atingidos pela cegueira, afinal não há homens “fora-da-ordem”, se não há ordem.

Nossa sociedade quer cegar-se diante daquilo que julga “fora-da-ordem”. Na ficção de José Saramago, ela julga que os cegos cumprem esse papel; então, que se isolem os cegos; na vida real, ela acredita na existência de homens marginalizados, fora do sistema; então, que se isolem os marginalizados. Mas tão certa quanto a revelação no livro de que, na verdade, todos estavam cegos, não há marginalizados, todos pertencem/constituem o mesmo sistema. Então será que a estratégia de isolar na vida real é tão falha quanto na narrativa saramaguiana? Pensemos:

A Rede Globo atendeu às exigências do Primeiro Comando da Capital (PCC) e exibiu o vídeo produzido pela facção, em que cobra mudanças e melhorias no sistema carcerário do País. A contrapartida da veiculação do vídeo em DVD foi a soltura do repórter Guilherme Portanova, seqüestrado na manhã deste sábado, 12, numa padaria em frente à sede da Globo, em São Paulo.⁸

Infelizmente o que acontece(u) no estado de São Paulo, e de maneira geral em todos os lugares onde há sistemas carcerários, é uma falha do Estado na contenção dos infratores da ordem, isso porque é impossível conter algo que o próprio sistema que nos rege, o capitalismo, produz em abundância, e produzirá cada vez mais: a miséria, a violência, a destruição. Medidas paliativas jamais darão conta de um problema que está no âmago da questão, no âmago do sistema.

Outra convergência entre ficção e realidade que pode ser traçada, a partir do romance saramaguiano, é a atitude do governo de manter na porta do manicômio o exército. Tal feito evidencia as intenções do Estado que, diante daquilo que aparentemente foge ao seu controle, age com violência, entendendo também como violência tirar o indivíduo de seu meio social. Os militares, na narrativa, nada se distanciam dos da vida real: são preparados para matar, sua função é essa, apenas eliminar vidas, e não qualquer vida, apenas as “em desordem” – o que é comprovado no *Ensaio sobre a Cegueira*:

No mesmo instante um soldado gritava-lhes do portão, Alto, voltem já para trás, tenho ordens para disparar e logo, no mesmo tom, apontando a arma, Nosso sargento, estão aqui um gajos que querem sair, Não queremos sair, negou o médico, O meu conselho é que realmente não queiram, disse o sargento enquanto se aproximava, e, assomando por trás das grades do portão, perguntou, Que se passa, Uma pessoa que se feriu numa perna apresenta uma infecção declarada, necessitamos imediatamente antibióticos e outros medicamentos, As ordens que tenho são muitas claras, sair, não sai ninguém, entrar, só

⁸ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ultimas/cidades/noticias/2006/ago/13/6.htm>>

comida, Se a infecção se agravar, que será o mais certo, o caso pode rapidamente tornar-se fatal, Isso não é comigo [...] ou você e essa voltam agora mesmo para donde vieram, ou levam um tiro (SARAMAGO, 2004, p.69).

Tal intolerância pode ser observada por diversas vezes (embora todos cerrem os olhos) no Rio de Janeiro, onde, com facilidade, o governo decide convocar o exército para as ruas. Nunca houve notícias de que tal medida diminuiu efetivamente a violência; o que sempre se constata é um civil atingido, quase sempre negro, pobre, morador de favelas, inocente, a cumprir o papel de marginalizado do sistema. O ocorrido em 2003 – um professor de inglês que voltava de uma festa de carnaval com a namorada é atingido fatalmente por um soldado – é, com efeito, a demonstração de quanto tal medida do Estado está fadada a mais um fracasso.

Ora, diante dessa seqüência de erros, demonstrada no livro e observada abundantemente em nosso cotidiano, por que se insiste em continuar a cometê-los, haja vista que as autoridades “competentes”, em nome da defesa da ordem, prometem mais presídios e declaram na grande mídia (a qual, inclusive, presta-se a esse serviço) que, havendo situações de emergência, colocará o *Braço Forte do Estado* (o exército) nas ruas?

Tal questionamento, suscitado a partir do livro de Saramago, pode ser respondido também através da obra: as pessoas estão cegas, elas assimilam discursos tais como a democracia e, assim, acreditam que vivem nela, enquanto a realidade dos fatos mostra o contrário daquilo que se pensa, ou, novamente, como diria a mulher do médico, desconstruindo a ilusão da evidência, numa das reflexões mais patentes do romance: “Cegos, que vendo, não vêem.” (p. 310).⁹ Afinal, que democracia é essa que ignora a população, em suas necessidades básicas, não promove o desenvolvimento, ao contrário disso, promove a repressão e a desigualdade social? Essa é a democracia que é escolhida pelo povo que cegamente vota. É sabido que as eleições não passam de um período, em que o circo é montado, ganha aquele que melhor mentir e esconder suas alianças com o poderio econômico que, de fato, manda.

O próprio Saramago, em uma entrevista ao programa de TV Roda Viva¹⁰, salienta que a democracia em que vivemos é uma fachada, pois nossos governos são plutocráticos – governo de ricos sobre pobres – em que se permite tudo... até certo ponto (a ditadura velada)! E Saramago vai além, afirmando que as corporações econômicas e financeiras, não estão dispostas e nem querem negociar uma redução em seus lucros em favor dos direitos humanos; na verdade, ela é incompatível com eles, visto que para cada vez mais lucrar, necessária se faz a exploração, cada vez maior, da natureza, do trabalhador, da vida. E as

⁹ Saramago, em documentário já referido (*Janela da Alma*), assim responde quando lhe perguntam qual é a maior cegueira do século XXI?: “Todas são maiores. Mas talvez a maior é não sabermos para onde nos levam e não mostrarmos nenhuma curiosidade em saber.”

¹⁰ RODA VIVA com José Saramago. Produção TV Cultura. Direção de Paulo Markun. São Paulo, 2001. 1 videocassete.

corporações possuem um intermediário, que se encarrega, além de favorecê-las, de apagar as manifestações, acessos de rebeldia e, por vezes, eliminar excedente de forças produtivas: os governos que, da democracia, só possuem a sombra!

No romance em questão, a representação do papel da democracia é posta simbolicamente na gravação de uma fita, que os cegos escutam logo que chegam ao manicômio. Tal gravação inicia-se com um discurso apelativo à civilidade dos envolvidos no mal-branco, mas depois tudo se revela, porquanto esse discurso de fachada democrática acaba por dizer que se não forem cumpridas as instruções dadas pela fita, os cegos irão pagar com a vida possíveis subversões. Em contrapartida, faz-se notório reparar que as promessas feitas pelo Estado no que diz respeito aos deveres que assumiria naquela situação não são cumpridas, além da mais evidente demonstração da falência do mesmo quando, no final do livro, com a situação extremamente caótica, a fita continua a ser transmitida; no entanto, ninguém mais a escuta, todos já “enxergam” que não será o Estado com suas falsas promessas e autoritarismos que irá resolver seus problemas.

Se é certo, como dito anteriormente que, acompanhando as vivências das personagens do livro, também nós estamos cegos perante os absurdos pelos quais o mundo passa (e, portanto, pelos quais nós passamos), um alívio é sentido, porque a literatura criou um mundo e o devastou para que nós o pudéssemos *ver*, haja vista que no final do romance o inferno é dado: sangue, mortos, destruição nas casas, nas ruas, nas praças, em todos espaços. A solidão das pessoas é descrita, e a nossa a ela se alia. Diante das atrocidades, nada podemos fazer?! Não há ninguém que possa intervir?! ... Sorte, então, que esses horrores não se *vêem* em nossos dias! Afinal, será que nos cegaríamos perante uma tragédia humana semelhante à ocorrida no livro? Será que nos cegaríamos perante tamanho absurdo?...

Referências

CALBUCCI, Eduardo. Ensaio sobre a Cegueira: a luz perdida dos (nos) olhos, in: *Saramago – um roteiro para os romances*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

CERDEIRA, Teresa C. De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago, in: *O Avesso do Bordado*. Lisboa: Editorial Caminho SA, Museu Nacional do Traje, 2000.

COSTA, Horácio. Alegorias da desconstrução urbana: *The Memoirs of a Survivor*, de Doris Lessing, e *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, in: BERRINI, Beatriz (org). *José Saramago: uma homenagem*. São Paulo: EDUC, 1998.

CRUZ, Cláudio. *Avaliação aplicada à disciplina Literatura Brasileira VII*. Jul. de 2006.

DINIZ, Laura & Magalhães, Rita. Globo atende à exigência dos seqüestradores e exhibe vídeo do PCC. In: *Portal Estadão*. São Paulo.

Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/ultimas/cidades/noticias/2006/ago/13/6.htm>>.

Acesso em: 21 jul. 2006.

JANELA da alma. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2002. 1 videocassete.

RODA VIVA com José Saramago. Produção TV Cultura. Direção de Paulo Markun. São Paulo, 2001. 1 videocassete.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. José Saramago.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago>. Acesso em: 15 ag. 2006.